

**A representatividade
asiática em Gaijin por
Tizuka Yamasaki**

por BIANCA ONO

A década de 80 teve grande importância para a cinematografia brasileira pela produção de filmes dirigidos por mulheres, possibilitando que elas abordassem temas urgentes que representavam e falavam de figuras femininas. Entretanto, o número de mulheres produzindo filmes era absurdamente pequeno, mesmo após o período do prestigiado, político e inovador Cinema Novo. Essa temática continuou por anos sendo reprimida, refletindo a sociedade machista da época, reverberando até os dias atuais. Nesse contexto, mulheres como Suzana Amaral, Lúcia Murat e Tizuka Yamasaki, a muito custo puderam contar suas histórias a partir das próprias experiências, envolvendo temáticas que também faziam parte da história do país.

No primeiro longa-metragem dirigido por **Tizuka Yamasaki**, *Gaijin - Os caminhos da liberdade*, de 1980, ela, como *nikkei*, contou a história da imigração japonesa no Brasil partindo do ponto de vista da própria experiência de sua família. Ela descreve a chegada dos primeiros imigrantes japoneses que vieram no navio *Kasato Maru*, por volta de 1908, para trabalhar nas fazendas de café no estado de São Paulo.

A história é apresentada sob o ponto de vista da protagonista imigrante Tioe (Kyoko Tsukamoto), que, por meio da narração, descreve as dificuldades para se estabelecer no Brasil. Tioe possui papel fundamental como heroína da história, passando por dificuldades tanto de adaptação quanto do próprio meio machista em que vivia.

Na trama, a personagem sofre violências dos brasileiros

e também de seu próprio marido, Yamada (Jiro Kawarazaki), sendo obrigada a se casar para poder viajar ao Brasil. Ela teve que se submeter a essas violências em razão das péssimas condições de vida da fazenda, sem ter pra onde fugir.

O sistema patriarcal fica ainda mais evidente quando a filha de Titeo nasce e o marido reage dizendo que “mulher não serve para nada”. A grande ironia da diretora é inserir sua protagonista como líder durante a fuga dos japoneses da fazenda, cansados de serem explorados no trabalho. Após a saída desses imigrantes, a protagonista busca ainda mais por liberdade, partindo, no final do filme, para uma outra jornada, cuidando sozinha de sua filha.

A importância de *Gaijin – Os caminhos da liberdade* para a cinematografia brasileira é imensa, pois representa e concede voz não só aos descendentes de japoneses no Brasil, mas também a outros imigrantes que vieram para o País em busca de novas oportunidades. Tizuka Yamasaki, no início do filme, deixa claras as suas intenções, dedicando a obra a esses imigrantes: “Este filme é uma homenagem a todos que um dia precisaram deixar sua terra”.

E, o melhor de tudo, Tizuka cria o contexto a partir da experiência de ser parte dessa história, vindo de um lugar que reforça a visibilidade dos descendentes de japoneses, pouco representados no cinema comercial. A partir da construção dos personagens, há uma quebra de estereótipos sobre suas

figuras, sendo exaltados pela força de vontade de melhorar sua situação de vida.

Os asiáticos, na maioria dos filmes comerciais ocidentais (isso quando são escalados), são apresentados em forma de estereótipos, sendo zombados e retratados a partir de uma visão que não insere esses personagens em experiências genuínas, mas sempre a partir de uma visão deslocada, com funções de espetacularizar e reforçar preconceitos.

Entretanto, Yamasaki consegue trazer identificação ao espectador, retratando a cultura desses primeiros japoneses brasileiros de forma sincera. A realizadora também utiliza atores que são descendentes de japoneses ou estrangeiros japoneses, demonstrando preocupação com a representatividade do filme.

A presença de Tizuka Yamasaki na cinematografia brasileira contribuiu para que mulheres pudessem cada vez mais se inserir nesse meio artístico. As questões colocadas em seus filmes refletem os dias atuais, sobre o papel e a força feminina na sociedade, representando principalmente a real experiência de ser mulher e descendente de imigrantes japoneses.

Mesmo com sua convivência nos finais do ciclo do Cinema Novo, ela reconhece as dificuldades desse período visto como moderno, mas que não teve participação feminina. “Neste pequeno período, o que mais me incomodava era perceber que o discurso de todos eles era muito moderno, mas a prática de vida, o

seu cotidiano familiar, era muito conservador”¹.

A partir de seus trabalhos, Tizuka Yamasaki representa a participação da mulher que foi por anos desvalorizada na história do Cinema Brasileiro, estimulando também o reconhecimento da pouco abordada identidade asiática. Seus filmes despertam um olhar mais próximo sobre diversos indivíduos, apoiando e aliando minorias que precisam ser escutadas. O cinema tem o poder de potencializar discursos, buscando que parte dessa identidade possa ser representada em trabalhos futuros.

por BIANCA ONO

1 YAMASAKI, Tizuka. In: SIMÕES, Inimá. *Tizuka Yamasaki: a vida invade o cinema*. Brasília: M FARANI, 2004, p.24.